

# MAZAGÃO EM 1677

por  
João Cosme\*

## Introdução

O objectivo central deste artigo é contribuir para um melhor conhecimento da presença portuguesa em Mazagão no ano de 1677, tendo por base o documento que publicamos em anexo, que é uma parte do códice nº 296, depositado nos *Reservados* da Biblioteca Nacional de Lisboa. A fonte reporta-se a este ano, que foi o primeiro do governo de D. Cristóvão de Almada. É a resposta a uma carta, em que o pai (Rui Fernandes de Almada) do governador pedira que o informassem dos acontecimentos referentes à partida de seu filho de Lisboa até ao seu estabelecimento naquela praça marroquina.

Embora não haja referência explícita ao autor do documento, podemos presumir que é da autoria de António da Silva Pereira que acompanhou o governador desde Lisboa e que, depois, foi enviado como embaixador ao Imperador de Marrocos. Caso não tenha sido o seu autor material, é de crer que tenha tido alguma influência na elaboração deste relato.

D. Cristóvão de Almada tomou posse como governador de Mazagão em 29 de Fevereiro de 1677, substituindo D. Marcos de Noronha<sup>1</sup> que havia governado a praça desde 27 de Novembro de 1671. Aquele manteve-se em funções até 21 de Setembro de 1681, quando entregou o governo da praça a Bernardim de Távora Tavares.

Cristóvão de Almada foi moço fidalgo da Casa d'el-Rei D. João IV, onde se iniciou como pajem da caldeirinha, o que lhe dava direito a uma

---

\* Universidade de Lisboa.

<sup>1</sup> Augusto Ferreira do Amaral, *História de Mazagão*, pp. 163 e 165.

tença de dezoito mil réis. Assumiu este cargo, após a sua vacatura por morte do titular, D. António de Noronha<sup>2</sup>.

Desde 1661 que a presença portuguesa em Marrocos se cingia à praça de Mazagão, pois que, neste ano, o monarca português entregou Tânger a Inglaterra. Portugal tentava por todas as vias a independência face a Espanha. O apoio inglês era importante, por isso Catarina de Bragança consorciou-se com Carlos II de Inglaterra. Face à conjuntura extremamente desfavorável, Portugal teve de pagar um pesado dote, no qual se incluiu Tânger.

A presença portuguesa em Marrocos passou por várias vicissitudes, apresentando características diferentes ao longo dos tempos. As fragilidades internas marroquinas tal como a desagregação do Poder Central e o aumento da autonomia das diversas tribos tornavam a vivência nas praças portuguesas mais fácil, já que os ataques das forças marroquinas diminuíram.

O Autor do relato começa a sua descrição, precisamente, com a partida de D. Cristóvão de Almada de Lisboa, no dia de S. Martinho (11 de Novembro) de 1676, dando notícia de todos os problemas e confrontos navais que a embarcação sofreu no mar, com particular incidência para os ataques encetados pelas embarcações turcas que navegavam no Atlântico.

Após a chegada a solo africano, a descrição passa a dar conta das «notícias da terra» que nós subdividimos em três partes: em tempo de guerra, em tempo de paz e traços do quotidiano.

### **Em tempo de guerra**

O documento começa por referir que até ao dia 2 de Março de 1677, os Mouros se encontravam nas proximidades das muralhas da fortaleza, pelo que não era possível atreverem-se a sair fora das mesmas. Frisa-se que, quando a armada chegou, as incursões marroquinas eram notórias e que as suas tropas se encontravam nas proximidades, tendo inclusivamente partido “com huma balla d’artelharia hum cavallo pela sintura”. Como já referimos, no início do mês de Março de 1677, ocorreu uma viragem no relacionamento entre as forças marroquinas e a guarnição portuguesa existente na praça, de modo que até 15 de Agosto apenas “houve mais que hum encontro ahonde apanharam hum cavallo nosso que hia fogindo, o qual restaurou seu dono matando o de outro, ao qual se lhe tomou o cavallo”.

---

<sup>2</sup> AN/TT, *Registo Geral das Mercês*, L<sup>o</sup> 16, fl. 121.

Os outros conflitos não tiveram grande significado, resumindo-se a pequenos “rebates” sem qualquer impacto, pois que os moradores de Mazagão não deixaram “de recolher sempre tudo livre”.

Ainda mais elucidativa é a outra afirmação, onde se informa que “de noite baixaram os Mouros a cortar as favas mas não fizeram perda de importância pelo o que costumavam fazer”.

Em síntese, esta fraca conflitualidade é assinalada de modo expressivo pelo Autor deste texto quando escreve que “fés-se mais este anno muito feno porque o não queimaram os Mouros como costumam todos os annos (...). Tem-se lançado muitas vezes chinchorro e recolhido sem rebate”.

Durante os primeiros oito meses do ano, as lutas não revelaram intensidade e profundidade significativas nas suas vertentes bélica e económica.

### **Em tempo de paz**

Tal como já referimos, o período que decorreu desde o início do mês de Março até ao final do mês de Agosto caracterizou-se pelo relacionamento pacífico, pois que até 15 de Agosto do dito ano, apenas ocorreram pequenas escaramuças, algo sem importância significativa.

Pode, por isso, dizer-se que o primeiro ano de governo de Cristóvão de Almada foi marcado pela paz, ocorrendo, inclusivamente, actos de especial significado diplomático entre o governador e o soberano político que imperava na cidade de Marrocos.

Logo em 9 de Março de 1677, foi recebido na praça portuguesa um alfaqueque que fora mandado pelo alcaide de Azamor. Esta praça era a cidade mais importante da Duquela, cujo alcaide era partidário do Imperador que então detinha o domínio da cidade de Marrocos. Iniciaram-se assim uma série de contactos e relações diplomáticas entre as duas partes. A visita do alfaqueque renovou-se em 3 de Julho; agora acompanhado de um judeu, de um criado do Imperador de Marrocos e de vários criados do alcaide de Azamor.

Para melhor ilustrar este clima de paz, quando o governador de Mazagão adoeceu foi visitado por vários cavaleiros e por um criado do alcaide de Azamor, desejando-lhe em nome do soberano desta cidade as suas melhoras. Foi também informado que o alcaide de Azamor era aliado do Imperador de Marrocos, o qual dera indicações ao alcaide para que se procedesse do modo mais conveniente ao resgate de cativos. Apesar do go-

vernador de Mazagão ter retardado a ocorrência desta troca, tudo foi realizado com grande empenho pelos marroquinos. Em 20 de Agosto iniciou-se o abate dos animais que iriam ser confeccionados nos banquetes das comitivas que iriam proceder à troca de cativos. Nesta cerimónia esteve presente o próprio alcaide de Azamor. Este encontro caracterizou-se por um clima festivo, sendo a praça de Mazagão engalanada com pompa e circunstância. O abate de vários animais foi testemunhado pelos próprios Mouros para que não houvesse dúvida sobre a qualidade da carne.

A seguir a esta visita, a guarnição da praça teve liberdade de acção para se reabastecer de água e lenha.

No próprio dia 20 de Agosto, uma embaixada portuguesa partiu em direcção à cidade de Marrocos. Esta embaixada assumiu dois aspectos distintos. Por um lado serviu para o estabelecimento de relações amigáveis entre as duas partes, por outro para tratar de questões referentes ao porto de Mazagão, infra-estrutura fundamental ao abastecimento da região meridional de Marrocos.

O embaixador português levou como presente ao Imperador um cavalo que este ouvira falar e que muito desejava possuir. Estes encontros foram sempre momentos propícios à demonstração de grande ostentação e de riqueza. Receber um adversário servia também para demonstrar poder e opulência, forma subtil de intimidação e de dissuasão.

Para melhor compreender as razões da existência deste clima de paz que ocorreu nos primeiros meses do governo de D. Cristóvão de Almada e das visitas que se realizaram neste período, convém apresentar algumas notas sobre a situação política interna marroquina.

Entre o desaparecimento da dinastia Sádida, em 1654, e o início da dinastia Alauíta, em 1666, decorreu um longo período de instabilidade política<sup>3</sup>. A unidade política marroquina ficou muito fragilizada, já que as confrarias e os xarifes criaram um conjunto de realidades autónomas com grande peso político e social. Por isso, Mulei Rachid (1666-1672), o 1º sultão da dinastia Alauíta, começou por tentar controlar o espaço marroquino, assim como a unificação religiosa do país, tornando-se o emir dos crentes. Todavia, seria Mulei Ismail (1672-1727) que iria consolidar a centralização do Estado. Para o efeito, dominou as rebeliões de várias cidades (Fez, Tetuão), esmagou as tendências separatistas de várias tribos (Sanaia), assim como de membros de algumas famílias mais importantes que aspiravam ao poder (caso dos Idríssidas e do seu sobrinho Ahmed Ben Mahrez).

---

<sup>3</sup> Cf. Henri Terrasse, *Histoire du Maroc*, tomo II, pp. 253-264.

Mulei Rachid faleceu na cidade de Marrocos no ano de 1672, na sequência de uma queda do seu cavalo. De imediato, as lutas pelo controlo do poder se retomaram. Seu irmão Mulei Ismail, com o apoio das tribos do Garb e de Fez, proclamou-se sultão em Meknès, onde era governador. Porém, as lutas com seu irmão Al-Harran e seu sobrinho Ben Mahrez continuaram na zona meridional. Apesar de Mulei Ismail ter derrotado o seu sobrinho na batalha travada na zona do Tadla em 1675, só conseguiu ocupar definitivamente a cidade de Marrocos no final de 1677, após o que Bem Mahrez se refugiou no Sus, onde continuou a liderar, durante mais algum tempo, a rebelião contra seu tio.

Ben Marhez<sup>4</sup> foi apoiado pelos cristãos e pelos turcos; por isso Mulei Ismail, para melhor efectivar o seu poder, resolveu atacar estes adversários. Para efeito, criou os *Modjahidines* (voluntários da fé islâmica) que combatiam os turcos no Leste e os cristãos na Costa, além de ampliar o número de efectivos do exército sob sua dependência hierárquica, que atingiu no final do seu reinado cerca de 150 mil homens.

Nesta sequência, as colónias europeias no espaço magrebino meridional foram atacadas e ocupadas, mantendo-se a praça de Mazagão como a única excepção. Os Ingleses e os Espanhóis foram bastante visados pelo Sultão, já que este os acusava de apoiarem as rebeliões das cidades e das tribos. Assim, em 1684 conseguiu reaver Tânger aos Ingleses, e em 1681 e 1689 retirou aos Espanhóis, respectivamente, Mamora e Larache.

Para ampliar o seu *dar al-Makhzen* (autoridade do Poder Central) e evitar possíveis movimentações da tribo Sanaia, localizada no Médio Atlas, escolheu Meknès para capital política, travando assim qualquer hipotética movimentação desta tribo em direcção às planícies atlânticas.

### Traços do quotidiano

Estamos perante uma sociedade fortemente marcada pelos eventos de natureza colectiva, onde certos acontecimentos detinham um forte e significativo sentido simbólico. Ao nível comunitário dois elementos endógenos à comunidade mazaganense merecem ser destacados: as manifestações de natureza político-social e as de cariz religioso.

A primeira festividade relatada é a celebração do aniversário do monarca português, já que D. Pedro II nascera em 26 de Abril de 1648. Na

---

<sup>4</sup> Henri Terrasse, *ob. cit.*, tomo II, pp. 259-261.

véspera do seu aniversário, “mandou o Senhor Governador fazer luminárias”; a que se seguiu, no dia do próprio aniversário “missa e pregação, cargas de artilharia e mosquetaria; na tarde [o governador] deu posse de hũa companhia dos da goarda ao Senhor Loupo Furtado de Mendonça com todo o luzimento e grandeza, banquetes esplendidos a todos”.

É significativo que o primeiro acto tivesse sido a comemoração pública do vigésimo nono aniversário do monarca português. É nítida a afirmação da verticalidade hierárquica e da dependência dos principais titulares de órgãos militares e administrativos desta praça em relação ao rei.

As condições sociológicas vividas nesta praça impeliam esta sociedade a uma forte vivência dos acontecimentos religiosos. Neste curto espaço de tempo ocorreram vários actos litúrgicos de grande repercussão e significado comunitários. A celebração da cerimónia do Lava-pés, na Quinta-Feira Santa, foi o primeiro destes acontecimentos. A procissão complementava a cerimónia do Lava-pés e era organizada pela Misericórdia local onde o governador, que tinha acabado de chegar, fora logo eleito para provedor. A função de provedor da Misericórdia está incutida de grande prestígio e significado sociais, pelo que era importante que o seu titular fosse também alguém com funções político-militares. Nada melhor do que o recém-empossado governador.

A festa do *Corpus Christi*<sup>5</sup>, com a respectiva procissão, foi outro dos acontecimentos religiosos celebrados com grande brilhantismo nesta praça.

A existência de confrarias é outro indicador de grande vitalidade religiosa. Em Mazagão adquiriam particular importância a Misericórdia e a Confraria da Piedade. Os seus membros, ao terem papel activo nestes rituais, viam reforçado o seu “estatuto social” pela comunidade. Os confrades não se limitam a assistir ao desenrolar do cerimonial, são eles próprios, em grande parte, os protagonistas. Assumindo papel de relevo na organização e no acompanhamento das procissões, as confrarias atestam bem o seu entrosamento no tecido social da praça de Mazagão. Revelam uma forma interessante de convivência social e de acção sócio-caritativa, servindo simultaneamente a dimensão espiritual. A existência destas instituições e o seu acentuado dinamismo patenteiam o intenso espírito religioso e solidário reinante na praça.

---

<sup>5</sup> O culto do *Corpus Christi* foi instituído em 1264 pelo Papa Urbano IV. Teve como origem o testemunho de Santa Juliana, priora do Mosteiro de Monte Cornélio (actual Bélgica) que alegou que o Santíssimo lhe aparecera na forma da Hóstia consagrada. No Calendário cristão tem lugar no 1º Domingo após a Ascensão.

Os dias de S. João (24 de Junho) e de Santiago (24 de Julho) também foram assinalados com grandes celebrações festivas. Nestes acontecimentos, a componente cavaleiresca adquiriu uma importância excepcional. Em ambos, as artes da Cavalaria eram consideradas com grande apreço e sentido pedagógico. A demonstração das habilidades era um feito de prestígio e relevo sociais, por isso eram comemorados com um forte sentimento sócio-religioso. Por exemplo, na festa de S. João, “montou o Senhor Governador a cavallo pela madrugada com toda a cavalaria desta praça, a metade a nosso uso e a metade à mourisca que era bem vistoza couza”.

No dia de Santiago, a vertente político-religiosa é assinalada com a vinda “de hum elche renegado”<sup>6</sup>. Este facto detem um valor simbólico de elevado interesse. Esta ocorrência fica ligada de um modo ineludível ao dia de Santiago, sendo assinalada para a posteridade pelo retorno de um cristão convertido ao islamismo e que agora regressa. Esta mensagem de superioridade da matriz luso-cristã está patente também na festa de S. João, quando, após o desfile da cavalaria, se exalta a destreza e a qualidade na arte da Cavalaria que os principais da praça de Mazagão possuíam. O próprio autor do texto frisa que “tinha aprendido em abaxar o calcanhar, meter o dedo entre a rédea com que me pus nesta Praça sobre as estriveiras, só para mostrar a este povo que da Caza de Vossa Senhoria sahia quem as sabia governar”.

### **Comentário final**

Não queremos terminar este texto sem exararmos um breve comentário final. Convém frisar que, nos anos sessenta e setenta, Marrocos passa por uma fase de consolidação de uma nova dinastia e de um novo sultão. A zona meridional de Marrocos, maioritariamente, apoiava um “partido” rival do sultão de Fez. O alcaide de Azamor é um bom exemplo desta divisão já que era apoiante do detentor do poder político da cidade de Marrocos. Mulei Ismail viu reforçado o seu poder após a vitória na batalha de Tadla, em 1675. Esta derrota fragilizou os partidários de Ben

---

<sup>6</sup> “Os renegados chamavam-se a si próprios «elches» (do árabe *‘ilj*, «estrangeiro») e eram atraídos pelas excelentes condições oferecidas pelos reis marroquinos aos que estavam dispostos a servir nos seus exércitos ou que possuíam habilitação técnica para o fabrico de armamento” (António Dias Farinha, *Os Portugueses em Marrocos*, pp. 55-56).

Mahrez, pelo que era necessário, a todo o custo, contar com o apoio dos estrangeiros.

O apoio destes a Ben Mahrez vai ser determinante na opção estratégica do vencedor. Mulei Ismail vai levar a efeito uma guerra sem tréguas contra as possessões estrangeiras em solo marroquino. Daí que todas as praças meridionais tivessem sido ocupadas. Mazagão pautou-se como a única excepção a esta regra, já que vai continuar sob o domínio português até 1769.

### BIBLIOGRAFIA:

- AMARAL, Augusto Ferreira do, *História de Mazagão*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989.
- DE CHAVREBIÈRE, Coissac, *Histoire du Maroc*, Payot, Paris, 1931.
- FARINHA, António Dias, *Os Portugueses em Marrocos*, 2ª ed., Instituto Camões, Lisboa, 2002.
- TERRASSE, Henri, *Histoire du Maroc*, tomo II, Casablanca, 1950.

### DOCUMENTO

Biblioteca Nacional de Lisboa, *Res.*, cod. n° 296

*/fl. 1/* Lembrança da carta que mandey ao Senhor Ruy Fernandez d'Almada em resposta de outra em que o dito senhor me ordenava lhe desse conta de tudo o que se tinha passado desde que daqui partimos. Contem ella o primeiro anno do governo do Senhor Christovão d'Almada, feito na Praça de Mazagão, com os seus sucessos, e tambem os da jornada do mar, arribada ao Algarve, chegada aquella fortaleza, vezita do Alcayde de [A]zamor nella, embaixada ao Imperio de Marrocos, porsição de *Corpus*, resgate de Nossa Senhora e sermão do mesmo resgate.

Senhor

Vossa Senhoria me ordenou por huma carta sua lhe desse conta de tudo o que se tinha passado desde que, de seus pés, me apartey. E como Vossa Senhoria */fl.1 v/* não repara na incapassidade que da minha parte está pera poder fazer relações, pois tenho tão pouco de entendido pera o alinhado dellas, como de retorico pera o discursivo. Contudo meu Senhor o melhor discurço nesta ocazião hé obedesser a Vossa Senhoria porque só então poderão sahir com aserto o

groseiro das minhas rezões, e porque as não gastemos mais com introluintorias preluxas, quero livrar a Vossa Senhoria dellas comessando a obedeser lhe no que me manda.

Partimos desse porto, aonde Deos permitirá tornemos a entrar com melhor successo do que tivemos na sahida delle. Foy ella em huma quarta-feira, dia de São Martinho, onze de Novembro de seissentos e setenta e seis. Estava o dia claro com bom sol. Logo nelle caminhamos pera sahir, mas indo em Paço de Arcos nos sobreveyo tal tempo em contrario que nos sobreveyo tal tempo em contrario que nos não foy posivel botar de fora.

Ahi botamos ferro e carregou tal tromenta que nos obrigou a voltar para Belém, adonde estivemos athé o quarto da Lua e esperámos que ella tomasse termo, o que fez à quarta-feira que se contavam dezanove do dito em a qual sahimos da quinta pera /*fl.* 2/ donde tinhamos desembarcado, que era ao bom successo e nos tornamos a embarcar a Belém. E depois de ter recolhido tudo que nos tocava, quizemos logo levar ferro, não nos foy posivel por ser já tarde com que à sesta de manhã, que se contavam vinte, sahimos com bom successo. E em nossa companhia, huma charrua [h]olandeza mais quatro caravellas.

Tivemos bom dia, da mesma sorte amanhesseo o de sabbado, na qual manhã avistámos huma nau grande de Turcos, puzemos tudo em arma mas não quis ella que a chegassemos a tocar por se fazer em outra volta. Na nossa aperesseo outra nau, mas não fez couza alguma. Ao pôr do sol avistámos o cabo e em Sagres botamos na nossa lanxa humas cartas pera o Governador e Bispo do Algarve.

Ao domingo nos fizémos ao mar, e depois de estarmos bem ao largo nos comessou a picar vento contrario, e em hum instante cresceo este de sorte que foy huma grande tromenta, a qual nos durou athé quarta-feira que se contavam vinte e sinco do ditto. Esta nos destrossou de calidade que estivemos perdidos, e della nos rezultou abrir na tal agoa que com todas as bombas nas mãos /*fl.* 2 v/ a não podiamos demenuir; antes, cada ves era mayor o cressimento della com que a Deos, mizericordia nos tornámos a fazer na volta de Lagos, pello vento ser tal que só para ali nos consentia conseguir viagem. Nesta topamos huma caravella que os Turcos levavam de preza; e como não levava hum mastro, e a nós nos tinha faltado huma da nossa conserva por lhe ter quebrado o grande com toda a insarsia e velame que a tromenta lhe tinha levado por esses ares à nossa vista, cuidámos ser esta. E assim como pudemos nos fomos a elles, e com a artilharia lhe demos alcance que com a nau nos não era posivel.

Esta nos fez no desparar mayor danno porque abrimos mais agoa. Contudo rendemo-la mas ficou em tal estado dos balázios que, com todo o trigo que tinha, se foy a pique. Não andando ao derriba d'agoa mais tempo que o em que a nossa lanxa lhe pode tomar vinte turcos que para essa corte foram na mesma nau.

Esta caravela tinha mandado o contratador para a praça antes de nos partiremos e lha apanharam os Turcos e com a tromenta se tinha apartado da conserva que levava, nós fizemos a nossa athé Lagos donde desembarcámos à quinta, a vinte e seis /fl. 3/ do dito, pelo capitão de mar-e-guerra, capitães de goarnição, mestre, piloto e mais officiaes fazerem hum portesto que todos asinaram de que não estava a nau capas de proseguir viagem.

E logo se fizeram na volta dessa cidade, caminhando sempre terra a terra, sem terem nenhum emcontro como depois soube e nos ficamos em Lagos aonde fomos tratados do Conde da Castanheira que governa aquele Reyno com toda a grandeza não no sendo menor mandar logo entrar huma companhia de goarda à nossa porta e fazer todas as mais serimonias e continencias a que a melicia dá lugar.

Depois de tudo acomodado me parti a Villa Nova de Portimão a acomodar a cavalaria que escapou da tromenta porque a mais della morreo e juntamente a fazer o mastro, vella e ensarsia que atrás digo perdeo a caravela, socorrer a gente de todas as mais com mantimentos e dinheiro por ordem do Senhor Christovão d'Almada.

E depois de reparar todos estes danno e desembarcar a cavalaria /fl.3 v/ para terra me torney a Lagos. Dahi me mandaram a essa cidade, e cheguei a ella com bom susesso e, como Vossa Senhoria sabe, os que eu tive dahi em diante athé que me torney a embarcar escuzo repeti-los.

Assim comesso com a segunda jornada do mar já que a primeira foy tão mal afortunada como Vossa Senhoria tem ouvido. Tornei-me a embarcar em a formozza cidade de Lisboa em huma sexta-feira doze de Fevereiro de seissentos e setenta e sete na almeiranta Santiago, caminhámos athé os quatorze do ditto mez, aonde no cabo de São Vissente avistámos sinco naus de mouros de que duas se puzeram na nossa esteira e nos vieram reconhecer para nos avenssar, já tudo posto a tiro de peça e a som de guerra se divertiram neste mesmo tempo com humas caravellas e patachos de gallegos, os quais se recolheram a Sagres e nos dando calor à nossa charrua e caravella fomos dar fundo à segunda-feira quinze do dito na baya de Lagos.

No dia seguinte nos vieram reconhecer sette navios de turcos, a tiro de peça com que lhos fizemos /fl. 4/ nós também; e logo se foram na volta do mar. Na terça-feira vieram nove na mesma derrotta, e sobre a tarde se juntaram dois mais que fizeram onze. Andando ali todo o tempo que tivemos, dado fundo huns na volta do mar outros na volta de terra, com que puzeram tudo em bastante cuidado em rezão das embarcações piquenas e sem embargo de tudo isto se embarcou na quarta-feira o senhor Christovão d'Almada a que desparou toda a artilharia da cidade e della o vieram acompanhar D. João de Ataide, o general da

Artelharia com todos os mais cabos, assim de guerra como de justiça, ali estivemos sobre ferro até o sabbado à noite que, com acordo e resolução do Senhor Christovão d'Almada e capitam de mar-e-guerra e mais capitães de goarnição, nos fizemos à vella sem embargo de termos avistado os navios aquelle dia.

Rezolvemo-nos em fazer nossa viagem, dispostos a pelleijar com todos elles se nos fossem buscar, mas foram mais cortetezes (sic) do que cuidávamos pois tomaram outro ru/*fl.4 v/mo* e nós nos fomos seguindo o nosso, com tão pouco vento, que nos obrigou a gastarmos até a quinta-feira que avistamos terra. Na sesta nos veyo piloto da Barra e demos fundo com felis successo. Em o mesmo barco do piloto vim eu a terra vizitar hum governador da parte do outro, e juntamente aprestar o desembarcar que havia de ser ao sabbado, pella manhã, em que bem sedo me torney para bordo. E nesta mesma menha desembarcou o Senhor Governador dando-lhe a nau aquella salva que custuma em semelhantes ocasiões; e chegando perto de terra desparou toda a artelharia da praça ao desembarcar no caes da Courassa, tornou a artelharia na mesma forma a dar salva, ahi o estava esperando o Governador passado com todos os officiaes, povo e clero aonde fizeram ambos aquellas continencias que a tão grande amizade e em tal ocasião dava lugar.

Comessaram a caminhar devagar em rezão do concurço da jente, levantou o clero o *Te Deum Laudamus* até à igreja Matris e em entrando pella porta da villa deu a artilharia della treseira /*fl. 5/* salva de todos os baluartes; entraram na igreja na qual os capelães de Sua Alteza cantaram missa; e leu o contador dos Contos a patente e se lhe deu posse. Acabada a função sahiram da igreja e caminharam com o mesmo acompanhamento até às cazas aonde costumam viver os Governadores que estão em a mesma praça. Ahi foram [h]ospedes todos os três dias Dom Marcos que, sem embargo de viver já fora, veyo asecir ali todos os três dias. Nos mais o convidou o Senhor Christovão de Almada e o regalou huns poucos de tempos, em todos estiveram sempre com muita conformidade e amizade, sem entre elles haver o menor disgosto asecindo em todos os actos públicos, como de antes dando-lhe o Senhor Christóvão de Almada a prezidencia sempre em toda a ocasião.

No domingo seguinte se tirou tudo o que pode pella falta de embarcações, foram só meudezas do falto, à segunda pela manhã creseu tal vento noroeste que largando a nau amarra por mão se fez à vella, deixando a lancha em terra com /*fl.5 v/* alguma gente, em a qual partida andou outo dias sem apparecer [a] até que abonansou o tempo e tornou à baya e não de fundo. Foram a carregar duas caravellas de falto o que fizeram andando sempre à vella fora das pontas. Dahi tornaram a dar fundo em des de Março, com bonança foram as caravellas a bordo,

deitaram ferro junto à nau comessaram a receber falto este dia, [a]the à noite se carregou huma que logo veyo pera terra. Toda a noite se trabalhou na descarga. No outro dia pela manhã, que se contavam onze de Março, veyo a outra caravella que era a desta praça ficou recebendo fatto [a]thé à tarde que se apartou da nau e cresseo tanto o tempo que nem a caravella pode tomar porto nem a nau parar neste aonde não tornou apparecer [a]thé hoje senão a caravella que arribou daqui a São Lucar. E como Vossa Senhoria sabe o modo com que foy me não canço em lho rellatar.

Estas são as novas do mar que posso dar a Vossa Senhoria.

Vamos agora às da terra

Em dois de Março se comessou a tomar campos pera lenha de que aqui havia bastante falta em rezão dos mouros /fl.6/ não sahirem destes contornos; e de tal sorte andavam elles que, no dia em que chegamos, partiram com huma balla d'artelharia hum de cavallo pela sintura, com tudo nos fomos tomando sempre campos, seja Deos louvado, que athé hoje que se contam quinze de Agosto fizemos o que quizemos, escapando às alarcas, sem embargo de terem vindo muitas, com grande numero de gente, e nunca [h]ouve mais que hum encontro aonde apanharam hum cavallo nosso que hia fogindo, o qual restaurou seu dono matando o de outro, ao qual se lhe tomou o cavallo que logo deu o Senhor Governador ao que lhe fugio que era Francisco de Mendonça. O mourisco que de lá veyo comnosco mas recolheu-se o campo e o bom successo.

[H]ouve outros rebates mas não deixamos nos de recolher sempre tudo livre.

De noite baixaram os mouros a cortar as favas mas não fizeram perda de importancia pelo o que costumavam fazer por haver boas vegias e os sacudirem com artelharia e mosquetaria de que mataram alguns, conforme o rasto que se achou e o que confesou depois Arão, hum judeo que aqui costuma a vir. Fes-se mais este anno muito feno porque o não queimaram os mouros como costumam todos os annos, que foy hum grande proveito pera a /fl. 6 v/ praça e cavallaria della. Tm-se lançado muitas vezes chinchorro e recolhido sem rebate que hé de muito proveito esta pesca pera a fortuna da terra; isto hé o que toqua à guerra.

Vamos agora ao que toqua à pax

Em vespóra dos annos de Sua Alteza, que Deos goarde, mandou o Senhor Governador fazer luminarias. E no dia de manhã missa e pregação, cargas de artelharia e mosquetaria; na tarde deu posse de hũa companhia dos da goarda ao Senhor Loupo Furtado de Mendonça com todo o luzimento e grandeza, banquetes esplendidos a todos. Na mesma tarde com recolher do campo pera dentro,

[h]ouve festas de cavallo com toda a bizzarria. E foram as primeiras que vi na terra.

Esquessia-me dizer a Vossa Senhoria que tambem aqui se fazem os officios devinos pella Quaresma mui bem, e não menos pelo Carn[av]al. E nestes nossos tempos se há-de aprefeioar muito mais, porque meu cunhado tem cuidado com o coro e eu com a igreja.

Em quinta-feira de Endoenças [h]ouve lava-pés com toda a magestade porque servio hum Governador a outro com o melhor da terra; na noute [h]ouve procissão na Mizericordia das bandeiras. O Senhor Governador sahio este anno por provedor della, e eu por escrivão. O Senhor /fl. 7/ Loupo por Irmão, [h]ouve tambem procissão dos Paços com todo o aseyo. O dia de Pascoa não deixou aqui de ter que ver por ser muito festival.

Em dia de *Corpus* se costumava fazer aqui hu~a prosição muito ordinária, mas havia tardição que contavam estes antigos que, quando Mazagão floreria, levava esta procissão serpe e o drago São Jorge. E outras mais festas, mas eram muito poucos o que disto se lembravam. Eu me empenhey em lhe mostrar minhas abelidades e lhe dey ordem a prosição que vay no fim desta rellacção a folhas 17 que, pella não enterromper a não puz aqui, com que Vossa Senhoria não a deixe de ler que afirmam todos os paeszanos que nunca tal aqui se fez.

E eu afirmo tambem a Vossa Senhoria que nada lhe emcaresso do que nella lhe digo, e os que de cá vão saberão informar a Vossa Senhoria melhor do que eu sey ser cronista.

Em dia de São João montou o Senhor Governador a cavallo pella madrugada com toda a cavalaria desta praça, a metade ao nosso uzo e a metade à mourisca que era bem vistoza couza. Foram aos rebelins della, ahonde [h]ouve muitas escaramuças e carreiras como todos /fl. 7 v/ os annos hé estilo, não deixando de ser em o Senhor Governador fazer tudo com bizzarria. E andou neste dia com tal que não duvido que Marte lhe teria muitas invejas. Em a mesma tarde tive minhas cosegas e me pareseo não ocultar as lições que de D. Martinho e de outro serto autor tinha aprendido em abaxar o calcanhar, meter o dedo entre a redea com que me pus nesta praça sobre as estriveiras, só pera mostrar a este povo que da Caza de Vossa Senhoria sahia quem as sabia governar. Fis-lhe a escaramussa que se lá fez quando veyo a Raynha, nossa senhora, e o que mais se lhe segue.

Parese que como aqui se não uza isto, nem ninguem o sabe, gostaram de o ver em esta e outras ocações e como as eu tinha de regosijo lhe não neguey o peditório, a troco de lograr os dezenfados.

Em dia de Santiago os [h]ouve tambem da mesma sorte. Veyo hum elche renegado fogido; pera essa Corte vay e hum mouro que nesta terra fica, tendo

acabado o Senhor com a jornada, entrada e sucessos da guerra, pasatempos do país, com que nos falta só agora tratar das visitas dos alcaides.

Em nove de Março veyo o alfaqueque /*fl. 8/* que hé hũa bem galante figura, tornou dahi a três dias com as boas vindas e seu presente do alcaide de [A]zamor ao que de cá se lhe conrespondeo como hé estilo nesta praça em semelhantes ocaziões. Teve outras muitas de vindas e hidas com que os trás o Senhor Governador de sorte que confeça este povo que estão em pax pera o como aqui era continua a guerra. Tomamos muitos campos, huns assim outros assim, mas em todo este tempo não tem sucedido senão o que atras tenho dito a Vossa Senhoria.

Em três de Julho tornou a entrar o alfaqueque com hum judeo e novas de que estava ali de fora hum criado do Emperador de Marrocos e outros do alcaide de [A]zamor e o adail da mesma praça e pediam seguro pera entrarem a dar hum recado que traziam do Emperador, seu senhor. Deu-se-lhe, entraram e deram sua embaxada, segurando sempre esperanças de que haviamos de passar neste nosso tempo na melhor forma que elles pudessem. O mais que o recado continha se emcaminha ao bem desta praça e conservação della. Foram hospedados com a grandeza que o pays dá lugar e lhe deram seus mimos pera hirem satisfeitos.

Depois disto /*fl. 8 v/* adoeso o Senhor Governador e foy vezitado por huns cavaleiros principais de [A]zamor; e por outra vez por hum criado do alcaide, mas tudo em seu nome. Assim veyo mais no dito mês o alfaqueque judeo com huma carta do Emperador que vay lançada na folha 16, em a qual dava seguro pera hir o embaxador tratar do que melhor conviesse pera esta praça. E juntamente do porto pera ella, pera o que por ella dava lisença e pedia lhe mandasse o Senhor Governador hum cavalo, que o seu criado e adail lhe foram dizer tinha, o qual vem a ser hum remendado que dessa Corte veyo.

E por esta mesma carta ordenava ao alcaide de [A]zamor viesse logo ver-se com o Senhor Governador e tratar-se dos cortes dos cativos e de tudo mais que se achasse convir. Dilatou o Senhor Governador isto em rezão de sua doença e em se achando melhor chamou os officiaes da Fazenda, procuradores do Povo e principaes e tudo mais a quem toquava, fez-lhe presente a carta do Emperador e os outros negocios que ella continha, a vezita do alcaide e assim vissem a forma em que queriam os cortes e em que maneira lhe seriam mais convenientes, ajustaram tudo a nosso favor e escreveu o /*fl. 9/* Senhor Governador ao alcaide de [A]zamor que estava alvorasadissimo pera o ver, mas porque não sucedesse o que já havia sucedido com outros governadores, que era virem e não ajustarem nada antes se hiam desgostozos, lhe mandava ali aquella forma dos cortes que quando Sua Senhoria os achasse uteis lho podia mandar dizer pera estarem as escreturas feitas e não haver mais que asiná-las e merendarem com grande gosto e alegria, e quando lhe não paresesem bem. Escuzava abalar-se em vir a esta

vista, o que visto pelo mouro e juntamente a boa correspondencia que com elle se tem tido até [a]gora, respondeo que ainda que os cortes tinham muitas controversias só por dar gosto a Sua Senhoria, e ter hũa grande amizade com elle os conserderia e asinaria pera que lhe pedia destinasse o dia certo e que o mais breve que fosse o festejaria por muito que dezejava ver-se com Sua Senhoria. Distinou-se-lhe dia em que viesse, que foy à terça-feira, vinte de Agosto, hum mouro pera /fl. 9v/ que matace o que elle houvesse de comer porque de outra sorte não provam nada.

E à quarta-feira podia fazer a sua vezita. Veyo na dita terça-feira, o seu mouro matar o que elle comeo, e no mesmo dia se armaram os rebelins desta praça, duas tendas de campanha e se aparamentaram por dentro de damascos e sedas, todas alcatifadas com almofadas pera a vezita, hũa que era em forma redonda e a outra quoadrada. Estava tambem toda alcatifada com huma meza grande e bem consertada, de fora das tendas estavam carros e huma banda com pipas de agoa, e feito hum retiro em que estava a bagagem desta campanha.

À quarta de manhã se vio a praça bem ornada e de sorte que há muitos annos se não logrou outra tal porque lhe engenhamos hũa bandeira na torre do sino deo rebate que fica no meio da praça a qual tinha as armas reaes; assim mais em todos os baluartes bandeiras estendidas de varias sedas e cores que paresiam e ostentavam a praça com toda a magestade na /fl. 10/ manhã pelas sete horas se povoou o campo com as nossas atalaias e às oito pera as nove se deu sinal de mouros, o qual eram cargas de varias couzas e algum gado vacum e ovilhum que mandava adiante o alcaide de presente ao Senhor Governador, acompanhado por criados seus e dois mouros de respeito e hum judeo por lingoa, muitos almocreves de pé, ridiculos sujeitos.

O Senhor Governador os recebeo com mostras de alegria e mandou logo repartir tudo pellos officiaes, assim de guerra como de pax, dando hum carneiro a cada hum e o mais gado todo mandou ao asogue aonde se repartio por todo o povo, dando os couros de esmolla à Nossa Senhora de Penha de França.

E afirmaram os filhos da terra que nunca em Mazagão comeram carne todos em hum mesmo dia, senão neste porque a deram pellos Roes da Conficção e pera o gasto de caza não ficou nada.

Lá pellas des [h]oras do dia se deu sinal que já aparezia o alcaide com o seu /fl. 10 v/ raial. O Senhor Governador mandou tocar às trombetas a marchar, e logo sayo com toda a cavalaria pera fora, a mais luzida que se pode considerar em hũa praça tão lemitada como esta, ao que seguia o alferes do Guião o qual hia em hum cavalo ruço queimado, com hum cocar de plumas emcarnadas e brancas, e huma sella de fillete encarnado toda bordada de prata. Seguia-se logo hum cavalo castanho, calçado de ambos os pés, sylva na testa, com huma mochila de

tercio pello verde toda bordada de recheos de ouro, cabeçadas e estribeiras de prata sobre dourados e esmaltadas com toda a perfeição, fiador de velludo verde goarnessido de ouro, pelo qual o levava hum criado de destra que hia montado em hum cavallo murzelo, bem sellado.

Seguia-se a este cavallo de destra, outro tambem castanho laino, cabos pretos com mochila de tercio, pelo carmezim, toda bordada de recheo de ouro, obra singular pella meudeza com que hé composta, cabeçadas, estribeiras de prata esmaltadas com os fuzos /fl. 11/ dourados, fiador de tersio, pello carmezim goarnesido d'ouro, o qual levava de rede hum criado montado em hum cavallo ruço, logo huns homens de pé com fiador e ant'olhos, telis de velludo verde, todo goarnesido de ouro, a que seguia o Senhor Governador em o seu cavallo ruso que peresse neste dia. Apostou a ser mais ligeiro do que os poetas fingem os que são filhos do ar, davam elle com toda a galla e hum jaes de filete verde goarnessido e bordado de ouro sobre que hia montado o Senhor Governador com brozeguim e esporas de asiquates ao uzo da terra, com bastão de general. Atrás se seguia o seu paje de lança em hum cavallo alazão muy bem anjaezado. Logo se seguiam os acobertados, e por ultimo os criados de Sua Alteza, que há nesta praça, e as companhias de infantaria della.

Nesta forma foy tudo marchando pela porta da villa fora, ficando a ella da ponte pera dentro huma fermoza escoadra de mosqueteiros com hum cabo, capas de a goardar a qualquer transe que a fortuna ocazio/fl.11v/nasse.

Ficou hũa companhia de infantaria goarnessendo a dita ponte athé o canto da crus que hé huma paragem dos rebelins que tomou o dito nome da crus por ter esta e outra companhia. Ficou goarnessendo o valo do mesmo rebelim da parte de sima com que ficou a entrada pera a praça serrada com a infantaria, aqui depois do Senhor Governador cordenar a infantaria marchou avante ao rebelim de fora a onde estavam as tendas armadas pera o recebimento e deixando-as à mão direita passou avante aonde ordenou toda a cavalaria que ficou dos valos do rebelim pera dentro goarnessendo a frente por onde vinha marchando o arraial dos mouros.

Depois de a ter ordenado, tomou os acobertados e os pôs em meyo, formados em batalhão, com ordem pera que se não bolissem a entrada senão abrindo pera a passagem e tornando a fechar depois della e da tranqueira por donde se havia de entrar athé a cavalaria. Pôs os criados de Sua Alteza em ala por hu~a e outra parte, ficando elle e o seu trem e officiaes, adail, almocadem e o guião em o meyo, e de goarda à entrada os mesmos /fl.12/ criados de Sua Alteza.

Posto isto nestes termos fez auto o mauritano e despedio dois cavaleiros lustrozos, a saber de sua parte como passava o Senhor General, ao que lhe respondeo com aquella orbanidade que custuma em toda a ocazião, não a

perdendo de nomear outros dois cavaleiros luzidos pera lhe hirem fazer a mesma vezita, os quaes tornaram com hũa resposta não de mouro, pelo que tinha de politica, e juntamente outros dois mouros e hum judeo com outro recado que Sua Senhoria saberia já o estilo que era darem-se refens de hũa e outra parte pera elles poderem vir e que nomeasse Sua Senhoria dos seus os que quizesse e lhe mandasse os que levasse gosto dos nossos.

Tornaram com os mesmos cumprimentos, e vieram com os refens nomeados depois dos quaes recebidos lhe mandaram os de cá o que fizeram assim de hũa e outra parte muito agazalho. Feito isto marchou o alcayde com a sua gente avante, despedindo diante outros mouros com outro recado em que dizia a Sua Senhoria que /fl. 12 v/ lhe advertia que todos os mouros que o acompanhavam lhe mandava descarregar as armas, porque no tempo da pax não havia guerra, alem de que a não queria elle ter quando vinha tratar do bem desta praça e conveniencias della por ordem do Imperador, seu Senhor.

Respondeu-se-lhe que acharia tudo prompto com a mesma amizade e correspondencia porque os vaçallos do Príncipe de Portugal, nosso senhor, assim costumavam fazer a quem os buscava em nome de outros princepes. Deixou o mauritano o seu exercito que era numerozissimo, assim de jente de cavalo como de pé, marchou só com couza de seis o[u] setesentos homens de cavalo e outros tantos de pé, ordenados em boa forma com todas suas bandeiras tendidas, a mais luzida e vistoza jente que nunca aqui veyo conforme afirmam os paeszanos da terra. E como todos andam envoltos com ayques brancos, trunfas e barretes vermelhos, marlotas de várias cores paressiam galhardamente e o que mais vistozo que tudo era a muita quantidade de pendões encarnados, roxos, /fl. 13/ azues que traziam. Em o meyo da vanguarda vinha a sua bandeira real, carmezim com hum setro no meyo branco, que cercavam huas luas, tambem brancas, debaxo do qual vinha o alcayde em hum cavalo castanho claro, todo cuberto de setim azul, franjado da mesma cor, traça mourisca; e diante delle hũas folias ao seu uzo com muitas [h]armonias e instrumentos de barro, feitos com couros e outros com soalhas que faziam hũas gritas extraordinárias ao som das quaes vinham huns mouritos tregeitadores fazendo [h]abelidades ao modo dos nossos bolantins.

Assim como chegou mais perto, sahio o Senhor General fora com o seu trem, trombetas, guião, officiaes e huns acobertados, ficando os mais nos seus postos a recebe-lo; e o fez muito mais fora do que todos o fizeram athé [a]gora, assim como se ajuntaram se abraçaram. E no mesmo tempo salvou a praça com sette peças conforme a ordem que tinha deixado o Senhor General que as outras todas estavam carregadas de balla miuda e asestadas às paragens donde lhe podia vir o dano quando succedesse; /fl. 13 v/ ao mesmo tempo que se abraçaram voltou

tudo pera dentro com aquellas continencias que se costumam em semelhantes actos e o troxe o Senhor General à mão direita, marcharam athà à tenda que pera isto estava dedicada aonde se apiaram, entrando tudo o que quis sem se lhe impedir. E ficando fora dos valos muita cavalaria e infantaria com molheres e meninos; mas era tal a regara que estes barbaros faziam que com serem tantos e nós tão poucos em nada deixaram de obedesser aos nossos officiaes. E se algum se desmandava ou por querer augoa ou algu~a couza que pera a vida [h]umana hé nessesaria os moiam os seus cabos sem piedade; emquanto se esteve em vezita andou o melhor dos mouros jugando as lanças e controadas com bem ligeireza, se bem na regra da Cavalaria por diferente estilo de que nós uzamos.

Feitos os primeiros cumprimentos, e já depois de entrados na tenda, tomaram assentos, e sem embargo de estarem cadeiras o fizeram todos em almofadas por ser estilo dos mouros não se asentarem senão nellas. Logo se tratou dos ajustes e cortes sobre que alguns /fl. 14/ mouros dos seus mayores tiveram duvida e o não quizeram conseder, ao que o alcaide respondeo que em nome do Emperador, seu senhor, que ali o mandava dera palavra de assim ser que não tinham que duvidar nem arguir, porque asinava elle e o fizesem os mais. Obedesseram.

E acabado isto trataram de outros negocios e ajustes convenientes ao servisso de Sua Alteza e bem desta praça, pera melhor conservação sua. Feito isto vieram com grande acompanhamento pera a tenda aonde estavam as mezas, aonde se asentaram a comer, declarando logo o alcaide e seus casizes que era contra a sua ley comerem em couza de prata, e assim pediam lhe retirassem tudo que o fosse. Obedeseu-se-lhe e franqueo[u]-se-lhe a vontade com estanho, não deixando nós de estranhar a brabardade daquele preseite. Deu-se-lhe de comer grandiozamente pera o que Mazagão pode dar de sy porque foram quorenta pratos dobrados e sortiados de varias couzas.

Acabado de comer se sahiram pera a outra tenda segunda vez e diante as folias e danças a que o Senhor General /fl.14 v/ deitou htas mãos cheyas de dinheiro, atirando pera o ar aos mais mouros; com outras o alcaide de [A]zamor conrespondeo com o mesmo na mesma forma e admirou-se toda esta gente de tal fazer porque fazendo-o sempre os Senhores Generaes nas outras vezes que aqui vieram elles o não conresponderam nunca por gente muito embesioza. Meteram-se na tenda ficando sós com o lingoa tratando de negocios secretos, acabados os quaes sahiram mui gostosos, montaram a cavallo e marcharam na mesma forma que entraram levando só de diferença entrarem de venguarda e sahiram de retaguarda, companho-o o Senhor General athé bem fora com o seu trem e alguns cavaleiros, ficando o mais naquella forma que athé [a]ly tinham estado. Ao despedir se abraçaram e o beijou o alcaide na copa do chapeo que hé a

mayor cortezia que entre elles se uza. Deu-lhe o Senhor General a lança que levava de boas gazuas de prata, o que elle estimou infinito.

Nesta despedida se deu outra salva de artilharia com boa ordem, com a mesma marchou o exercito do inimigo, e o Senhor General ficou fora com tudo /fl.15/ o mais da maneira que estava até elle dezapparese. Vieram os refens e lhe enviaram os seus e depois de tudo recolhido se recolheu da campanha à praça na mesma forma que tinha sahido della, não sendo menos vistozo o que de mossas croavam as muralhas, que como todas estavam adornadas de varias fitas, faziam huma Primavera de tantas flores como ellas eram.

Ao outro dia lhe enviou as cargas com o melhor retorno que podia ser e se contentaram os mensageiros de sorte que não disesse mal da festa, o que o depois por nós outros se soube cá por fora conforme as prevenções foy que avizou o alcaide naquelles segredos de hũa grande alarca que vinha dos breves da serra a qual se não pode impedir por ser pera o remedio de sua salvação o[u] morrerem nesta guerra; e o tem como por perdão geral quando os seus casizes lho publicam com que a desgraça destes salvajes está em que aqui não morrerem. Meteu-se agoa e lenha e o mais que foy nesario pera a praça com que se tornaram sem fazerem /fl. 15 v/ couza que de contar seja. Assim armaram os mouros mais outras vezes mas não fizeram couza alguma porque hé estilo sempre quem não vê as couzas preguntar por ellas, não quero eu deixar de dizer a Vossa Senhoria a feição do alcaide de [A]zamor porque não aserte de ficar com o desejo de saber que tal era. Hé elle de corpo agigantado, membrudo, cor amulatada, feições groças, olhos grandes, barbas grandes à mourisca, cara larga, será de idade, pouco mais o[u] menos, de sincoenta annos pera sima. Vestia de roxo à mourisca, todo embrulhado em hum aique alvo e fino, o qual lhe sahia da cabeça sem lhe apparecer de todo o corpo mais que o rosto e mãos; sobre elle trazia hum talim bordado de ouro do qual pendia hum traçado à mourisca, obra curioza, vinha calçado com brozequim de filete encarnado reclamados. E hé elle de seu natural benigno e afavel, grande cavaleiro e incansavel nesta arte.

O mais que me falta dizer a Vossa Senhoria será em outra ocasião porque nesta estou de caminho pera /fl. 16/ Marrocos e não me hé posivel, se Deos for servido que eu torne, contarey a Vossa Senhoria desta fortaleza e da jornada. Mazagão, hoje sexta-feira, vinte de Agosto de 1677, dia em que parto pera Marrocos.

Copia da propria carta que o Emperador de Marrocos Muley Simaim mandou ao Senhor Governador por via do alcayde de Azamor a qual se traduzio do arabico em portugûes fielmente

Graça de Deos a Vossa Senhoria, alcayde de Alboreja e a Sua Alteza, Principe de Portugal.

Estimarey com boa saude esteja Vossa Senhoria que tudo que [h]ouver mister de porto, por dar gosto ao alcayde de Azamor e a Vossa Senhoria.

Hey dado licença, e também para o que faltar, se possa vender e comprar o que for nesessario meu e de Vossa Senhoria, contanto que Vossa Senhoria /fl. 16 v/ me negouce o que eu [h]ouver por mister, que o proprio farey eu a Vossa Senhoria. E espero que Vossa Senhoria faça como governador que hé de Sua Alteza como o meu alcayde proprio fará com Vossa Senhoria.

E dou palavra a Vossa Senhoria de que tudo que desta terra lhe for nesessario com qualquer carta sua lho darão, eu próprio espero que Vossa Senhoria me faça e não quero mais que tudo ao contento de Vossa Senhoria que pode mandar pessoa sua, que por esta o seguro que mandarey o christão e que se fará o que Vossa Senhoria ordenar, como tambem Vossa Senhoria mandará o que lhe eu mandar pedir. E para isso lhe seguro a minha cabeça como tambem o alcayde me segure a sua e tudo que fizer com o alcayde de [A]zamor, sobre os cortes e resgates mandarey nas espesias que quizer, como tambem mandarey aseitar as mesmas, e darey os captivos que estiverem em meu poder, o que me pedirem, como tambem alcayde me dê os meus que eu pedir e que fazendo o alcayde isto que lhe pesso nesta carta haverá boa passagem assim no porto como em tudo o que alcayde ordenar.

E assim dou ordem ao alcayde de [A]zamor que se encontre com Vossa Senhoria pera fazarem os cortes e aquilo que ordenarem como eu mando /fl. 17/ em se elles encontrando hum com o outro, pelo pão que comerem, prometo não haver outra couza senão aquilo que ficarem e que alcayde me mandará com a pessoa que vier hum cavalo pintado que tem e que fazendo isto não haverá senão muita amizade como eu dezejo.

Goarde Deos, alcayde de Alboreja. E firmada de seu sinal.